

**TAXA DE INCIDÊNCIA E NÚMERO DE CASOS NOVOS DE DENGUE NO
MUNICÍPIO DE CHAPECÓ, ESTADO DE SANTA CATARINA, REGIÃO SUL E
BRASIL ENTRE 2014 E 2024**

**NUNES, R. G. B.^[1]; DA SILVA, L. M. F.^[1]; FONTELES, M. F.^[1]; GEMIM, J. G. S.^[1];
RODRIGUES, A. P. G.^[1]; SARTORI, G.^[1]; STORCH, M. H.^[1]; LEITE, H. M.^[2]**

Os indicadores de saúde são ferramentas essenciais para a investigação situacional e transicional do cenário da saúde bem como para o planejamento de ações com base em evidências. Nesse sentido, a observação de dados sobre a dengue se demonstra de suma importância, visto que essa doença infecciosa assola grande parte da população brasileira. O ciclo da doença da dengue começa com a picada de um mosquito *Aedes aegypti* infectado, que introduz o vírus da dengue na corrente sanguínea do hospedeiro humano. Após um período de incubação de quatro a seis dias, o vírus se multiplica, levando à viremia, que pode durar de três a sete dias. Os sintomas geralmente aparecem de 4 a 10 dias após a infecção e incluem febre alta, dor de cabeça intensa, dor retro-orbital, dor muscular e articular, náuseas, vômitos e erupção cutânea. Complicações podem surgir, especialmente em infecções secundárias, e incluem dengue hemorrágica, caracterizada por sangramentos e diminuição das plaquetas, e síndrome do choque da dengue, que pode levar à falência de órgãos. A maioria dos casos é autolimitada, mas a vigilância é crucial, pois complicações graves requerem atenção médica imediata. O manejo adequado e a monitorização são essenciais para prevenir e tratar essas complicações. Assim, o objetivo deste estudo foi analisar o número de casos novos e a incidência da dengue em nível nacional, regional, estadual e municipal entre 2014 e 2021. Trata-se de um estudo descritivo com coleta de dados secundários na base do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e dados demográficos fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa de incidência de dengue foi calculada considerando o número de casos novos confirmados de dengue (clássico e febre hemorrágica da dengue), a cada 100 mil habitantes, na população residente em determinado espaço geográfico, no ano considerado. Verificou-se que entre 2014 e 2021 houveram dois picos significativos: em 2015/2016, destacam-se a taxa de incidência de 836 casos/100.000 habitantes no Brasil (2015), e 395 casos/100.000 habitantes no município de Chapecó (2016); em 2020/2021, destacam-se a taxa de incidência de 922 casos/100.000 habitantes na Região Sul (2020), e 266 casos/100.000 habitantes em Santa Catarina. Além disso, foi possível constatar uma redução significativa na incidência de casos nos anos de 2017 e 2018, seguida de uma nova tendência de aumento nos anos posteriores. Considerando a análise dos números absolutos de casos de dengue nas áreas mencionadas, nos anos de 2020 a junho de 2024, verificou-se que os locais analisados atingiram no primeiro semestre de 2024 o seu maior pico no número de casos absolutos. Os indicadores de saúde

para rastreio da dengue são ferramentas primordiais para monitorar e compreender a doença. Com o auxílio desses instrumentos, é possível detectar surtos, identificar áreas de risco e planejar ações preventivas, como a eliminação de criadouros de mosquitos e a realização de campanhas de conscientização. Com essas informações, é possível agir de maneira eficiente para prevenir a dengue e proteger a saúde da população.

Palavras-chave: Dengue; Epidemiologia; Saúde.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde.

Origem: Pesquisa.

Instituição Financiadora/Agradecimentos: Não se aplica.

Aspectos Éticos: Não se aplica.

[1]Ruan Gabriel Behling Nunes. Discente do curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. ruan.nunes@estudante.uffs.edu.br

[1]Luiz Martins Freitas da Silva. Discente do curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. luiz.martinsf@estudante.uffs.edu.br

[1]Mariana Feitosa Fonteles. Discente do curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. mariana.fonteles@estudante.uffs.edu.br

[1]João Gustavo Sanches Gemim. Discente do curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. joao.gemim@estudante.uffs.edu.br

[1] Ana Paula Gomes Rodrigues. Discente do curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. anapaula.gomes@estudante.uffs.edu.br

[1]Gustavo Sartori. Discente do curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. gustavo.sartori@estudante.uffs.edu.br

[1]Matheus Holz Storch. Discente do curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. matheus.storch@estudante.uffs.edu.br

[2] Heloísa Marquardt Leite. Docente do curso de Medicina. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó. heloisa.leite@uffs.edu.br